

60 ANOS • 1961, 2021

FUGA DE CAXIAS



CENTENÁRIO
PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

1921-2021

*Liberdade, Democracia, Socialismo
O futuro tem Partido*

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



A HERÓICA FUGA DE CAXIAS!

Comunicado do Secretariado do Comité Central

Às 10 horas da manhã do dia 4 de Dezembro evadiram-se do Forte de Caxias os camaradas Francisco Miguel, José Magro, Guilherme da Costa Carvalho, membros do Comité Central do Partido e os destacados militantes António Gervásio, Rolando Verdial, Hilário Esteves, Domingos Abrantes e António Teresa.

Esta evasão, cuidadosamente organizada deu-se dum recinto no centro do Forte, único local, a que os camaradas tinham acesso por ser considerado o mais seguro para a caxiosa meia hora de recreio diário.

Com o risco da própria vida os 8 valerosos camaradas utilizaram para a evasão um automóvel blindado da PIDE anteriormente utilizado por Salazar, com o qual atravessaram um túnel e arrombaram o portão do exterior, alcançando a liberdade sob as balas das espingardas e das metralhadoras que racheavam na hindagem do automóvel.

Esta audaciosa fuga, só possível pela capacidade do Partido e apoio do povo, cerca de dois anos depois da histórica fuga de Peniche na qual se evadiram 10 camaradas, entre eles Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido, é uma nova e im-

portante vitória do Partido e das forças democráticas e constitui um sério revés para o fascismo e todo o seu odioso aparelho repressivo. Apesar da furiosa repressão salazarista, actualmente, não se encontra preso nenhum das camaradas evadidas de Peniche.

A fuga de Caxias é um exemplo do elevado heroísmo e do ardente patriotismo dos comunistas.

Os 8 camaradas evadidos, 3 dos quais membros do Comité Central e 4 outros funcionários do Partido, passaram a sua vida em jogo pela sua inabalável decisão de dedicar todas as suas energias à luta pelo derrubamento da ditadura fascista de Salazar, pela conquista das liberdades democráticas e pelos seus ideais comunistas.

A sua evasão constitui um importante reforço das fileiras do Partido e permitirá intensificar a luta do povo português. O Partido Comunista saúda estes valerosos combatentes de vanguarda, que já somam 53 anos de prisão mais que o

fascismo pretendia manter indefinidamente presos através das celebradas «medidas de segurança». As manifestações de entusiasmo popular, Salazar e a sua máquina de verdugos do povo há-de opor uma feroz perseguição para recapturar e prender estes e outros destacados patriotas, ao mesmo tempo que fará recair sobre as centenas de democratas presos todo o seu ódio e ranço, violências e ilegalidades.

Os presos e perseguidos políticos necessitam do apoio e da solidariedade de todos os anti-salazaristas, pois a luta contra a repressão e pela Amnistia é vital não só para a defesa das vidas de centenas de patriotas presos mas também para ampliar e reforçar a luta contra o fascismo.

5 de Dezembro de 1961

O Secretariado do

Comité Central do

Partido Comunista Português.



Reportagem

A FUGA DE CAXIAS no carro blindado de Salazar

(RELATO DUM PARTICIPANTE)

de Dezembro — Da alvorada ao momento decisivo, fizemos disciplinadamente a vida de todos os dias: pequenos trabalhos individuais, leituras, convérsas, enquanto os faxinas «Chico Miguel e Guilherme» varriam, limpavam, serviam com esmero o café... Discretamente os últimos preparativos foram feitos. A chuva não veio felizmente, e a previsão da hora beleu certa: nove horas e dez minutos! «Recreio!» — a voz indelente do guarda fez hoje para nós um significado de combate e de esperança: Passada a revista diária, que forçou a deixar nas mãos do inimigo tanto objecto valioso ou querido para não levantar suspeitas, eis nos no local de operações, reservado ao «passado» dos «perigosos» — um pélo rectangular de altas paredes e taludes, estreitado a sui pela boca negra do túnel, em pleno coração da fortaleza, e com poderoso dispositivo de segurança além da sentinela normal, duas metralhadoras no alto dominam tudo, e uma terceira, a 6 metros de nós, destando a entrada do túnel!

A bola de borracha cuja missão é impedir, não fôra esquecida: Frente ao dispositivo ameaçador da G.N.R. formou-se o pacífico dispositivo de jogo dos prisioneiros. A bola passa de mão em mão, com as regras e as exclamações do costume, Entretanto o sinal pára o desencadear da acção fôra trocado... e a guardava-se, inesperadamente, contra todos os hábitos, um contra-tempo perigoso — uma carrinha de Pide com três agentes surge do túnel e pára, a receber um preso das casamatas para qualquer brutal interrogatório da policia. Os nossos corações apertam-se, mas o jogo continue ante os sorrisos de moço dos agentes, até que é interrompido para que o companheiro desconhecido entre no carro. Os minutos passam, o recreio é apenas de meia hora, qualquer demora das pides será fatal... Mas estes apressam-se, partem, e o jogo recomeça. Zumba enfim, do fundo do túnel, a marcha atrás do que há-de ser o carro da liberdade ou de coisa bem diferente — o grande blindado negro de Salazar, passado agora aos serviços da policia: Segundas passam e-lo à vista. Ainda um percalço, uma roda que resvala na valeta da estreita passagem. Mas a pericia e o sangue frio do condutor, o corajoso e dedicado patriota António Teresa, acabam por vencer, e o blindado encontra-se já em pleno recreio, a uns metros de nós. Os guardas não se mexem, mas estão muito atentos e seguem cada movimento. Interrompem definitivamente o jogo e aproximam-nos de vagar, gesticulando, como se estivessem nos indignados com a intrusão — ns ver-

dade cada um de nós está tomando a posição designada. Todos os seus lugares. Um arto! — «Goleio!» uma mão na porta do carro — e num arbor e fôlar de olhos, abrem-se as outras portas e sete homens mergulham no veículo. O golpe é tão rápido que os guardas continuam imóveis, a olhar, quando o pesado transporte é fechado e posto em movimento. Instintivamente, a fazer sinais convulsivos, a sentinela do túnel abre passagem. A descida é rápida, mas os tiros são mais rápidos ainda, duas belas silvas e o alarme está dado! Depressa mais depressa! Se o primeiro portão de ferro é encerrado seremos espanhados na ratoeira. Mas a luz do dia torna a ver-se acedá, ao fundo — está aberto ainda! Ultra-passada vermillionizada, a casa da guarda, eis-nos na parada principal da prisão. Uma curva apertada, com um portão mais — o grande portão da saída, verde de esperança, com grandes ferrolhos e batentes de cimento. Rigorosamente fechado, mas isto não é já surpresa — há que confiar na policia do motor e no patriota que se debriça ao volante. «Largar, dá-lhe bom ao centro!» Um estrondo de madeira cimento e ferros partidos, e a massa verde salta, é rasgada, e permite aos olhos sequeiros uma primeira visão do exterior. O perigo é contudo maior do que nunca. Ainda uma curva bem apertada, e agora toda a estrada ao longo do talude, por onde as sentinelas correm já, de armas apertadas. Um tiro, um segundo, vários outros, secas cuspidelas de aço que tremem e derrota, se os pneus ou os vidros não resistirem, ou a própria morte, se Salazar não fôr cauteloso como a blindagem. O carro é várias vezes atingido, mas o diador sabe acautelar-se, ninguém está ferido, e os pneus continuam a rolar. Mulheres trabalhadoras fogem espavoridas de braços no ar, e só por acaso não são vítimas do fogo dos carcereiros — mas elas também, contribuem para salvar-nos. Avante, sempre avante! É a zona mais perigosa é ultrapassada, os disparos deixam-se de ouvir, os carros policiaes não poderão perseguir-nos por terem sido habilidosa e sabotados, a estrada corre na nossa frente. A estrada corre no nosso doriado do nosso Povo, ao nosso querido e heroico Partido, a luta intransigente e até à vitória sobre a opressão fascista.

A cuidadosa preparação, a persistência, a coragem, e dedicação sem limites à sua classe e ao seu Partido, a «libra» dos comunistas, venceram uma vez mais a violência e a brutalidade dos inimigos do nosso Povo.

Caxias - Uma Fuga audaciosa

Há 60 anos, a 4 de Dezembro de 1961, pelas 9h35m, teve lugar a histórica fuga do Forte de Caxias - Reduto Norte, uma das mais audaciosas fugas das cadeias fascistas, que passou à história como a fuga no carro blindado de Salazar.

Nesse dia, 8 destacados membros do PCP reconquistaram a liberdade, retomando de novo os seus postos na luta clandestina contra a ditadura fascista.

A fuga de Caxias, depois da igualmente audaciosa fuga de Peniche realizada no ano anterior, restituindo à liberdade o camarada Álvaro Cunhal e outros destacados dirigentes do Partido, constitui mais uma grande vitória do PCP e uma dura derrota política para a ditadura fascista, inscrevendo-se no rico património da longa luta do PCP contra o fascismo, património que não pode, nem deve ser esquecido antes importa conhecer e divulgar.



Forte de Caxias



O Regime Prisional à época

Pela Cadeia do Forte de Caxias – Reduto Norte passaram milhares de presos antifascistas.

O regime prisional em vigor na Cadeia reflectia as dificuldades crescentes do regime e o ascenso da luta de resistência, a que o fascismo respondia com a intensificação da repressão.

O elevado número de presos, cerca de 150, entre os quais se contava um grande número de funcionários de Partido, e a fuga do Forte de Peniche, levaram ao reforço da segurança, a maior isolamento dos presos, à redução dos períodos de recreio, à limitação de correspondência, à suspensão das visitas em comum e a alterações constantes na distribuição dos presos pelas salas, a buscas mais frequentes aos presos e às salas, a espancamentos, a castigos a propósito de tudo e de nada incluindo envios para o «segredo».

A má assistência médica e medicamentosa e a supressão dos internamentos hospitalares repercutiam-se na vida dos presos, nomeadamente na das mulheres, algumas das quais se encontravam gravemente doentes.

Estas eram as consequências da intervenção directa e sistemática da PIDE na vida prisional de Caxias, com o objectivo de intimidar e paralisar a luta dos presos e suas famílias. Os anos 60 e 61, foram anos de grandes e corajosas lutas contra as arbitrariedades, por melhores condições de vida prisional, em defesa da vida dos presos gravemente doentes.



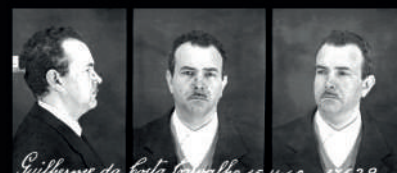
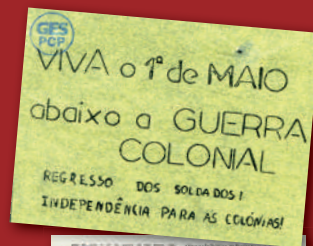
Luta na cadeia - Luta no exterior A mesma luta contra o fascismo

Ao mesmo tempo que os comunistas lutavam na cadeia e preparavam a fuga, o Partido intensificava a sua acção por todo o país.

Depois da fuga de Peniche, o Partido ganhou novo dinamismo e intensificou a acção de massas, nomeadamente durante o ano de 1961. Foram as lutas dos trabalhadores agrícolas do Ribatejo e do Alentejo, a greve de dois mil pescadores de Peniche, a luta de sete mil trabalhadores das pedreiras, dos mineiros de S. Pedro da Cova e de Aljustrel, de numerosas empresas da Margem Sul do Tejo e da região de Lisboa, dos pescadores de Matosinhos, dos operários têxteis de Tortosendo e Covilhã e várias outras localidades.

Foram as lutas nas escolas a propósito do Dia do Estudante, o intensificar da luta contra a guerra colonial e a manifestação de Almada, na qual foi assassinado o camarada Cândido Capilé.

O sucesso da fuga, a recuperação de um número tão significativo de funcionários, representou importante contributo para o reforço do Partido e a intensificação da sua acção, nomeadamente na organização das grandes jornadas do 1.º de Maio de 1962, na qual José Magro teve papel destacado, e na luta do proletariado agrícola pelas 8 horas, de que António Gervásio foi um dos principais organizadores.





Fases cruciais da Fuga

1. Cerca das 8.30h da manhã do dia 4 de Dezembro os presos da sala 2 do R/C do Forte, todos quadros clandestinos do Partido, são avisados como habitualmente para se prepararem para o recreio.
2. Cerca das 9.00h os presos são conduzidos por um guarda prisional ao Fosso Interior, dando-se início ao recreio de meia hora sob a vigilância directa de três guardas da GNR, armados de espingardas, e por guardas da cadeia.
3. Pouco depois, e quando o plano de fuga já estava em marcha, o recreio foi interrompido pela chegada inesperada de uma carrinha da PIDE, que veio buscar para interrogatórios presos que se encontravam nas casamatas existentes no local onde se ia iniciar a fuga.
4. Às 9.15h, António Tereso, que antes havia recebido sinal a partir da sala 2 que se ia iniciar o recreio, dirige-se ao túnel que liga ao Fosso Interior para se certificar que os presos que iam fugir já se encontravam no recreio.
5. De seguida, António Tereso foi buscar o carro e conduziu-o ao local da fuga em marcha atrás pelo túnel, tarefa difícil dada a largura do carro quase coincidir com a largura do portão.
6. Às 9.34h, quando faltavam apenas 5 minutos para terminar o recreio, António Tereso coloca o carro no centro do Fosso Interior, tendo sido ladeado pelos presos em conformidade com as portas previamente distribuídas para a entrada dos dois grupos em que se dividiam os presos a fugir: António Gervásio, Guilherme de Carvalho e José Magro do lado esquerdo, o lado do condutor, António Tereso, Domingos Abrantes, Francisco Miguel, Ilídio Esteves e Rolando Verdial do lado direito.
7. Às 9.35h, ao grito de “golo”, sinal dado por José Magro, inicia-se a entrada no carro, operação que durou entre 4 e 5 segundos.

Fotos: reconstituição da fuga



Carro junto do portão de ferro



Manobra de marcha atrás no túnel



Entrada dos presos na viatura



Derrube do soldado 75



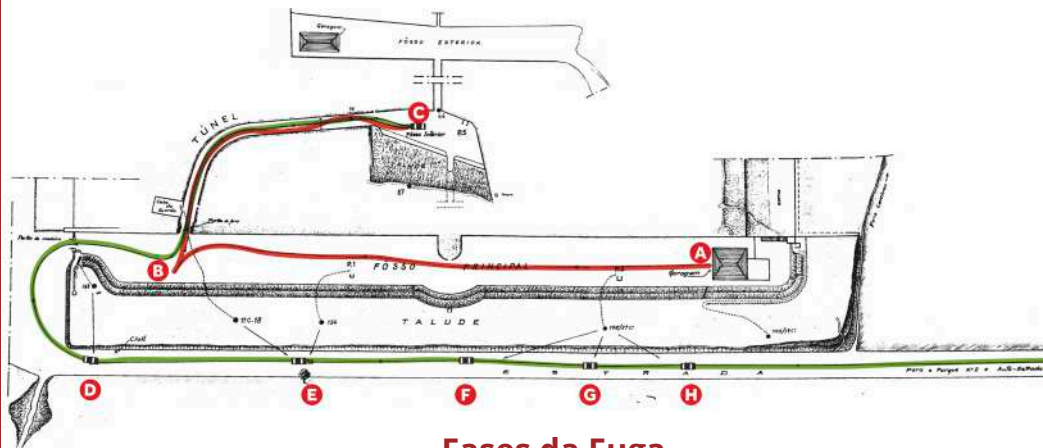
Saída do túnel – portão de ferro



Momento do choque com o portão

8. Logo depois, o carro que se manteve sempre a trabalhar arranca em direcção ao túnel que liga o Fosso Principal, local de embate no portão que dava saída da cadeia para o exterior. Dão-se os primeiros disparos sobre o carro. Este momento durou cerca de 10 segundos.
9. Percurso no exterior, na extensão de 960m ao longo da estrada que ladeia o talude da cadeia até ao começo da auto-estrada, momento em que o carro deixa de estar ao alcance do poder de fogo da GNR.
10. A primeira fase da fuga, desde o momento da entrada no carro até ao começo da auto-estrada, durou cerca de 65 segundos.

Percurso da Fuga



Fases da Fuga (do interior da cadeia até à auto-estrada)

- 1.ª A** Local de onde a viatura foi trazida para a fuga
 - A-B** Trajecto em marcha lenta até próximo do portão do túnel
 - 2.ª B-C** Trajecto em marcha-atrás até ao local do recreio
 - 3.ª C** Entrada dos presos na viatura
 - 4.ª C-H** Trajecto pela viatura, já em fuga
- D-E-F** Pontos de passagem da viatura na estrada, nos momentos dos disparos

A GNR e a Fuga

Do relatório elaborado pelo oficial da GNR, Major Fernando Ermida, que procedeu às averiguações das condições em que se deu a fuga, consta o seguinte:

«No dia 4 de Dezembro de 1961, pelas 9h35m, sete reclusos que se encontravam no Fosso Interior do Reduto Norte do Forte de Caxias na hora do respectivo recreio, auxiliados por outro recluso da sala de trabalhos² do mesmo Forte levaram a cabo uma espectacular fuga, aproveitando com raro sentido de oportunidade não só os meios materiais de que puderam dispor (um carro potente, grande e blindado) com o ambiente de confiança que se havia generalizado à volta de um dos evadidos cuja liberdade de movimentação dentro do Forte era praticamente ilimitada e que lhe permitiu levar até ao local do início da fuga, um automóvel, sem despertar a mínima suspeita.»

² Sala de trabalho era a sala dos presos «rachados» que realizavam diversos trabalhos para a cadeia e na qual esteve durante o tempo de preparação da fuga, o camarada António Tereso.



Paragem no fosso



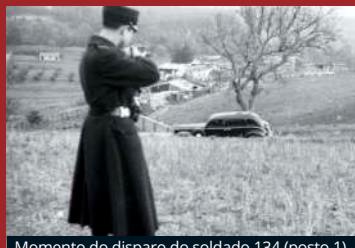
Primeiro disparo do soldado 75



Portão de madeira após o embate



Momento do disparo do soldado 105 (posto 2)



Momento do disparo do soldado 134 (posto 1)

Hino dos Presos de Caxias (1954)

Longos corredores de trevas percorremos,
Sob o olhar feroz dos carcereiros.
Mas nem a luz dos olhos que perdemos
Nos faz perder a fé nos companheiros.

Refrão

Vá, camarada, mais um passo!
Já uma estrela se levanta!
Cada fio de vontade são dois braços
E cada braço uma alavanca.

Muros e grades fecham horizontes
Mas nós sabemos onde a vida passa
A nossa esperança é o mais alto dos montes.

Refrão

Podem cortar meu corpo à chicotada.
Podem calar meu grito enrouquecido.
Para viver de alma ajoelhada
Vale bem mais morrer de rosto erguido.

Refrão

Como uma luz rompendo a madrugada,
Como uma flor furando um chão de escória,
A nossa voz nas celas soterradas
Já traz no peito o canto da vitória.

Refrão

O sol da luta aquece os nossos dias.
Para o cobrir desdobram-se as montanhas.
Quando o fascismo aguça as garras frias
Já traz a morte a arder-lhe nas entranhas.

Refrão

Final

Ouço ruirem-se os muros, quebrarem-se
as grades de ferro da nossa prisão,
Treme, carrasco, que a morte te espera
na aurora do fogo da libertação.

Depois do 25 de Abril, o Hino de Caxias foi reconstituído com rigor conforme o original por Carlos Aboim Inglês que indagou junto de alguns que colaboraram na sua criação.



É necessário lembrar

A resistência ao fascismo tem uma história, que não pode ser reescrita, nem apagada. A Revolução de Abril ao derrubar a ditadura fascista, pôs fim aos seus instrumentos repressivos: a PIDE, as torturas e as prisões por onde passaram milhares e milhares de portugueses, muitos dos quais lá perderam a vida. Na sua grande maioria eram comunistas.

A conquista da liberdade em 25 de Abril de 1974 é inseparável da luta tenaz e perseverante dos comunistas.

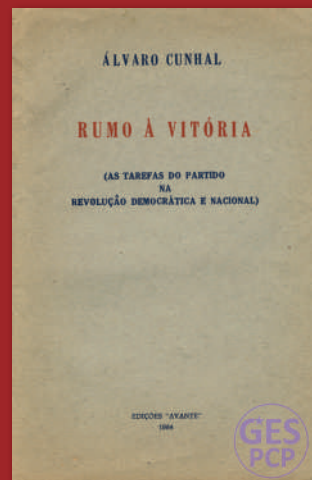
Fugir das cadeias fascistas, era para os comunistas uma tarefa, determinada pela vontade de recupar o seu posto na luta clandestina e servir a classe operária e o povo português.

Uma vontade inseparável do ideal comunista e do objectivo de construção em Portugal duma sociedade socialista, uma vontade que ajuda a compreender a audácia e a coragem postas nas evasões que, quando bem sucedidas, reforçavam o Partido e representavam derrotas para o aparelho repressivo.

Todos os camaradas que se evadiram de Caxias, com excepção de Rolando Verdial, que veio a trair o Partido, ocuparam o seu posto de combate e mantiveram-se fieis ao Partido.

António Gervásio, António Tereso, Domingos Abrantes, Francisco Miguel, Guilherme da Costa Carvalho, Ilídio Esteves e José Magro em conjunto passaram 90 anos nas Cadeias fascistas. Anos, como de muitos outros membros do Partido, sacrificados para que Portugal fosse livre.

A resistência ao fascismo e a luta do PCP são inseparáveis. Uma luta que mergulha no passado, se prolonga no presente e se projecta no futuro.





Testemunhos de participantes na fuga

“O êxito desta fuga exigia uma rigorosa serenidade e a máxima rapidez. [...] Aproveitar o efeito surpresa. Foi isso efectivamente que aconteceu [...] A GNR não acreditou, nos primeiros instantes, que estava a ver o desenvolvimento de uma fuga real.” [...]

O Chrysler foi atingido com tiros de mauser e metralhadora. Mas era efectivamente à prova de bala! Momentos depois, oito fuggitivos percorriam ruas de Lisboa a caminho do seu posto de combate contra a ditadura fascista.”

António Gervásio

Histórias da Clandestinidade – Edições Avante!, Lisboa, 2016. pp 61



“– O senhor é que me vai pôr aquele carro a trabalhar. [Gomes da Silva]

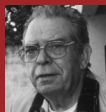
E apontava para o Chrysler, o carro blindado que fora de Salazar.

Disse-lhe: – pois, sim senhor!

Mas nem queiram saber o que me passava pela cabeça. Foi como um relâmpago. Em segundos logo ali vi como se ia dar a fuga, como ia transportar todos os camaradas. Que alegria eu senti!”

António Tereso

*Fuga de Caxias no Carro Blindado de Salazar
Edições Sociais – Episódios da Resistência Antifascista
contados por quantos a viveram, n.º 3, 1974. pp 23*



“A fuga do Forte de Caxias no carro blindado de Salazar constituiu caso único pela complexidade dos problemas a resolver, pela originalidade e espectacularidade que assumiu. Foi a única fuga que se processou à luz do dia sob o olhar dos carcereiros, [...] a única fuga que decorreu sob fogo cerrado de armas de guerra da GNR (o carro foi atingido por 19 balas), o que a tornou uma fuga de alto risco; a única fuga que utilizou meios da própria cadeia: carro e combustível.”

“No dia 4 de Dezembro de 1961, oito funcionários do Partido foram recuperados para o trabalho, num momento muito particular da vida do Partido e da luta contra o fascismo. (...)”

Domingos Abrantes

O Militante, n.º 375, de Novembro/Dezembro de 2021



“Em cada prisão fascista havia sempre duas realidades: a realidade da prisão, a tortura, os métodos policiais fascistas, a sua finalidade; e a alma dos presos, a sua conduta de lutadores, a sua inteligência, a sua vontade de estudar, a sua dedicação à causa do povo. Os fascistas tinham a força das armas; os presos tinham a força da razão.

[...] A morte não nos vencia, [...] fomos sempre carne da carne do próprio povo e o povo ninguém o poderá vencer nem derrotar por muito tempo.”

Francisco Miguel

*Das Prisões à Liberdade
Colecção Resistência, n.º 18, Edições Avante!, Lisboa, 1986*



“A Família ensinou-me.

Os livros, o trabalho e a vida também,

Ao comer o meu pão anseio

Que todas as bocas tenham pão;

que, com a velocidade do voo das andorinhas,

entrem em todos os lares:

a Saúde,

o Bem-estar

a Alegria.

Que o Trabalho,

a Paz

e a Felicidade

sejam Hinos que todos cantem.

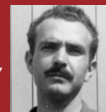
Não fiquei nas palavras.

Aderi.

Trabalho.”

Guilherme da Costa Carvalho

Do livro de poemas “Relâmpagos do meu coração”



Quando os comunistas caíam na prisão não ficavam desarticulados. Os comunistas organizavam-se.

Ilídio Esteves

em entrevista ao Avante!, n.º 1723, de 7 de Dezembro de 2006



“A situação prisional em Caxias pelos anos 59/60, tendia claramente a agravar [...] eram frequentes as agressões, violência a que os presos são particularmente sensíveis (...)”

A situação agravou-se seriamente após a histórica fuga de Peniche de 3 de Janeiro de 60. Acabaram as visitas em comum. Meteram a GNR nos corredores. Restringiram os recreios. Redobram a vigilância e as buscas.”

José Magro

*Cartas da Prisão; Vida Prisional, n.º 1
Edições Avante, Lisboa, 1975. pps 71 e 73*





“O episódio da fuga da prisão fascista de Caxias abalou o mundo todo. (...) Apanhando balanço com o carro os fugitivos foram contra o primeiro portão de madeira do pátio interior, passaram pelo portão de ferro, depois foram contra um terceiro portão no muro exterior e seguiram para fora do recinto prisional. Os guardas abriram fogo mas não puderam fazer nada. Assim o carro blindado oferecido a Salazar salvou a vida de oito comunistas.

Após cada importante fuga de comunistas da prisão, o chefe da polícia de Salazar é forçado a reformar-se envergonhado. Aconteceu duas vezes. E acontecerá outra vez.”

Álvaro Cunhal

*Obras Escolhidas, Tomo II, 1947-1964
Edições Avante!, 2008, pps 356-357*



“(…) para os comunistas, as fugas das prisões eram vistas como parte integrante da luta antifascista: as fugas eram um acto de resistência e, simultaneamente, um ponto de passagem para a continuação da luta na organização partidária.”

Jerónimo de Sousa, Secretário-Geral do PCP

*Prefácio de 12 Fugas das Prisões de Salazar; Jaime Serra
Edições Avante!, Lisboa, 2011, pps 10 e 11*

“(…) impõe-se realçar (...) uma outra importante razão para o êxito do Partido Comunista Português. Foi ter contado no seu seio com a dedicação e o trabalho de gerações de intrépidos combatentes, mulheres, homens e jovens de grande coragem e dedicação à causa da emancipação dos trabalhadores e do povo (...) este é o Partido que se pode orgulhar de ter estado sempre do lado certo da história e, por isso, com um percurso glorioso e ímpar na vida portuguesa. Uma história que se confunde e funde com a história da luta do nosso povo no último século. Partido que fez frente à ditadura fascista – o único que não capitulou, não cedeu, nem renunciou à luta, pagando um pesadíssimo preço de perseguições, prisões, torturas, assassinatos.”

Jerónimo de Sousa, Secretário-Geral do PCP

*Intervenção na acção do Rossio em Lisboa
Comemorações do Centenário, 6 de Março de 2021*





Uma luta que mergulha no passado, se prolonga no presente e se projecta no futuro.

A luta do PCP pela institucionalização do regime democrático-constitucional, pelo aprofundamento e defesa das conquistas de Abril, a longa, combativa e persistente luta contra as políticas de direita, por uma alternativa patriótica e de esquerda, pela concretização do seu Programa “Uma Democracia Avançada, os Valores de Abril no Futuro de Portugal”, tendo sempre no horizonte a construção da sociedade socialista.

CENTENÁRIO
PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

1921-2021

*Liberdade, Democracia, Socialismo
O futuro tem Partido*